

A proposta de um caminho

Trechos das colocações na assembleia mensal de Comunhão e Libertação realizada em **São Paulo** no último dia **15 de novembro**. Na ocasião, Marco Montrasi (Bracco), responsável pelo Movimento no Brasil, conduziu a reunião. O tema de trabalho foi a Jornada de Início de Ano com o tema “Não sou quando não estás aqui”

Colocação: *Quando se começou a falar da Coleta de Alimentos nesse ano, eu logo falei: “Ah pensando bem, eu não dou mais conta, não vou mais não”. O problema não era participar da Coleta, mas eu não queria ser coordenadora, eu queria ir lá ajudar umas 2 ou 3 horinhas, ir embora e está tudo bem. Aí quando as pessoas do meu grupo disseram “não”, por motivos justíssimos, eu fiquei muito provocada. Na verdade, eu vejo o Movimento como a minha casa. São mais de 30 anos que participo. Então, a gente que tem casa sabe como ela é, aquela confusão, coisas jogadas. E como nós não somos muitos organizados, acaba que todo ano eu fico brava e digo que não vou mais. No domingo eu fui à missa do Movimento e ouvindo a homilia do Pe. Julián eu entendi que ele dizia que se a gente não se arriscasse naquele gesto não teria a possibilidade de sentir o afago do Senhor na nossa vida. Pedi ajuda a uma amiga e por pura graça ela topou, e eu fui coordenadora. Aí convidei a minha sobrinha e o filho dela de 13 anos. E foi muito legal. Apareceram alguns voluntários e eu não tinha nenhuma pretensão. Abordamos as pessoas, e correu tudo muito bem como nunca correu antes. Eu queria ir embora e meu filho quis vir na Lapa para a confraternização. Viemos, assistimos a missa e tudo. Então eu me dei conta de algumas coisas. Primeiro, é que não dá para dizer “eu não dou conta”, se não sou eu que estabeleço o limite, até onde eu posso. Não precisa de nada, apenas ir, e entendi que vale a pena arriscar, e se a gente arrisca de novo aquele afago de Cristo conosco. E eu fiquei muito contente.*

Bracco: Aquilo que você falou é uma das coisas mais importantes que temos que lembrar. Além de me dar o gesto, como a Coleta, o Senhor sempre me dá um caminho a fazer. Então, a certo ponto na Jornada de Início, o Carrón usa a imagem do comunista para descrever a experiência do pertencer. Porque essa não é só uma palavra nossa, não é só uma palavra do Movimento. Pertencer é uma palavra que muitas pessoas usam e também os comunistas. É incrível retomar também aquela música “Alguém era comunista” que é muito dramática porque fala desse desejo de ter um deus. Era tão ateu que precisava de um outro deus, precisava de um empurrão. Por quê? Porque carregamos dentro sempre um dualismo. De um lado o cansaço cotidiano, pela rotina cotidiana, que quebra as pernas. De outro lado, aquele desejo de voar, aquele desejo de um infinito, que possa existir, que possa entrar o infinito. E o homem tenta sempre buscar isso, tenta sempre mudar a vida. Mas nós, também nós, como o comunista, temos que entrar em uma verificação, porque podemos estar aqui há 1 ano, há 5 anos, há 10 anos, há 20 anos, e temos que perguntar: E aquele desejo lá ainda está vivo? Ou sou apenas uma gaivota que não tem mais o desejo de voar? Uma gaivota que tem as asas, bonita, mas que não tem mais o desejo de voar? E nós também no Movimento temos que nos fazer essa pergunta: E agora? Também nós nos sentimos divididos assim? Você falou dessa casa, a casa desarrumada, bagunçada. Mas podemos pensar também em como chegamos aqui hoje. Podemos ter chegado

aqui como essas gaivotas sem desejo de voar. Como é que eu estou? Como é que eu me sinto agora? Eu retomando isso, também depois da Coleta, depois das eleições, depois da bagunça geral que aconteceu, retomando isso me perguntei: Por que Carrón continua a colocar o dedo na ferida? Não é que ele se diverte fazendo essas perguntas, como para te pressionar. Eu queria esquecer, mas tem um cara que sempre me diz que posso ser como uma gaivota que não tem mais desejo de voar porque o sonho desmanchou. E isso pode incomodar muito. Então, a primeira coisa é que eu queria colocar essa pergunta pra vocês. Se não, também a Coleta vai ser um gesto, uma besteira como um sonho, que depois passa, porque a vida já é outra agora. É pra eu não perder nada, é pra eu não perder aquele ideal. É pra não perder o desejo de voar. Quando você sai da Coleta se vê que aquela vida que estava um pouco morna, parece que pega mais um gás. Eu não quero esperar de novo a Coleta no ano que vem. Então, o que está em jogo? Eu tenho o Carrón que me pede, que me sugere, que me oferece uma estrada, um caminho todos os dias, pra não perder nada. Sendo que ele é alguém que tem afeição por mim mais do que eu mesmo, não é alguém que coloca o dedo na ferida, mas é alguém que me permite olhar esta ferida, que me permite ver, me permite fazer esta pergunta sem ter medo. E eu começo a ver isso sem medo. Fazendo este caminho, acontece essa experiência estranha, que mesmo reconhecendo uma ferida aberta, posso não ter medo. E ele depois fala: “Mas o Senhor, não nos abandonou”. Então, nós estamos verificando isso? Primeiro esta ferida, que temos essa ferida aberta, mas segundo, estamos experimentando que o Senhor não me abandonou? Ou podemos estar dentro do Movimento, abandonados? O Carrón fala: “O Senhor não nos abandonou, não se esqueceu de nós”. Escolheu Abraão, escolheu Maria e me deu uma estrada, me deu uma casa. “Para nós, este lugar, através do qual o Mistério continua a nos preferir, é o nosso carisma, o lugar onde o Senhor ainda tem misericórdia de nós. É este o lugar onde continua a nos chamar, através de cada gesto, cada palavra, cada tentativa”. Por isso que a Coleta entra aqui dentro. É uma misericórdia comigo. Dentro desta casa, dentro deste lugar, é um caminho.

Colocação: *Eu estava vivendo momentos muito difíceis no meu trabalho, mas também com os amigos, e na Escola de Comunidade, onde saíram várias questões que realmente me desafiavam se o caminho que eu estava fazendo era verdadeiro ou não. E fazendo a Escola de Comunidade eu tinha a pergunta: mas o que me torna unido? E fui fazer a Coleta triste, mas querendo entender isso. E foi muito legal porque a Coleta já começou de um jeito muito diferente. Cheguei às 7h30 da manhã com minha namorada e não tinha ninguém. Começamos sozinhos. Ela, tímida, começou a abordar as pessoas. Eu fiquei numa entrada e ela ficou em outra. Eu nunca imaginei que ela fosse aderir de um jeito assim tão bonito. E a Coleta foi acontecendo e foi muito bonito ver essa nossa unidade. Vieram sete pessoas de fora do Movimento que entendiam muito bem a questão do gesto, de você se doar, e tiveram a dificuldade de receber um não. Como uma pessoa não pode doar um alimento? E entendi que o gesto da Coleta é como Deus trabalha com o mundo inteiro. Eu faço uma proposta para a pessoa e aí a liberdade da outra pessoa está em querer aceitar ou não essa proposta. Eu achei isso espetacular, porque a Coleta é desse jeito há 10 anos, e muitas das coisas que a gente tinha discutido na Escola de Comunidade, métodos, o que a gente faz ou não faz, “o movimentês” e tudo isso.*

Bracco: O que é “movimentês”?

Colocação: *O “movimentês” é quando a gente faz os nossos grandes testemunhos com palavras super bonitas que só a gente entende. E começaram a me perguntar realmente o que querem dizer as palavras que a gente usa: O que é “coração”? O que é “desejo”? E aí eu ficava me perguntando sobre essa questão da identidade. Porque eu sou isso. Não sou eu que me constituí como homem. E foi muito bonito ver isso na Coleta. Você aborda a pessoa e fala: eu estou te convidando a participar de algo. E é bonito isso porque quando eu li a questão do Senhor não nos abandonou, é isso. O Senhor não me abandonou porque Ele vive nas circunstâncias. Eu me dei conta disso porque, às vezes, parece que a vida não tem sentido. E eu estava muito triste. Depois da Coleta a minha namorada falou uma coisa muito bonita. No ano passado ela tinha ido e participado, mas tinha saído com uma impressão errada. E quando ela participou hoje da Coleta, ela entendeu que é a proposta de um gesto feito com o coração. Ela pegou a essência do negócio. E acho que uma das coisas bonitas que você está falando é em relação ao caminho, pois eu tenho muita vontade de viver, de voar. Às vezes a realidade é muito pesada, não é fácil, mas acho bonito quando a gente se dá conta disso e, por exemplo, hoje na hora do almoço, eu tive um olhar, com os meus pais, diferente.*

Bracco: *Você falou que estava triste e depois mudou alguma coisa. De onde vem essa mudança?*

Colocação: *Vem, igual a música, de uma ilógica alegria. Essa questão das circunstâncias, de você poder viver cada coisa, poder ir a fundo, e querer entender cada coisa que acontece com você, essa ilógica alegria que ele fala na música e no texto ela brota naturalmente. É o homem. Ela vem da certeza de que eu sou cuidado. Igual o Marcelino que tem certeza que quer ver a mãe dele e morre no colo de Cristo.*

Colocação: *No início do ano, numa ocasião como essa, você respondeu a uma pessoa contando sobre os dois ladrões pregados na cruz ao lado de Cristo, e onde um deles pediu: “Senhor, lembra-Te de mim!”. Essa frase me marcou muito porque eu estava pedindo para reconhecê-Lo mais dentro das circunstâncias que eu vivo. Eu tenho cinco filhas pequenas e praticamente vivo dentro de casa cuidando delas. Fiquei muito marcada com essa frase e comecei a desejar viver isso, mas eu percebi que eu não podia dar a mim mesma essa unidade. E comecei a entrar todos os dias na capela do colégio das minhas filhas e pedir: “Senhor, lembra-te de mim!”. Era uma coisa muito simples, rápida, mas eu entrava ali com esse coração ferido e pedia. E Ele respondeu a esse pedido de um jeito imprevisível e inimaginável, através de um encontro em Angra dos Reis, nas férias do Movimento. Conheci uma amiga do Rio de Janeiro e através da belíssima amizade que nasceu com ela, pude me abrir para uma série de encontros e amizades que surgiram com as outras pessoas do grupo do whatsapp “mamães a bordo”. Eu não conheço pessoalmente todas do grupo, hoje somos 28, contudo, através do gesto da Escola de Comunidade via Skype, cada uma delas se tornou para mim ocasião de encontro com o Senhor. A partir dessa amizade, tudo adquiriu significado novo e comecei a perceber uma unidade que eu jamais poderia imaginar: primeiro, notei que comecei a estar mais inteira dentro de casa na rotina com as meninas. Antes diante de tantos afazeres, eu não dava conta e ficava cansada e reativa com tudo. Isso mudou, ainda tenho muitas tarefas, mas agora faço tudo com um coração contente. Outra coisa é que comecei a me interessar por tudo, por exemplo, pela política. Diante das eleições, a partir do trabalho com esse grupo, fui ajudada a dar as razões do meu voto, e a entender os critérios justos a partir de um olhar novo sobre mim mesma. O mesmo aconteceu em relação à Coleta de*

Alimentos. Eu fiquei provocada a me lançar, e na semana que antecedeu o gesto fiz uma pequena panfletagem com alguns vizinhos e outras mães, movida por um desejo grande de dividir com as pessoas essa alegria que me contagiou. E foi incrível que no Dia da Coleta as crianças acordaram bem e participei como voluntária junto com minha família toda. Terminei dizendo que “tudo” começou a partir de um pedido: “Senhor, lembra-Te de mim”, e Ele invadiu tudo de um jeito muito maior do que eu poderia imaginar e eu estou muito contente por isso.

Bracco: Estamos num caminho no qual Ele não me abandonou. Quem despertou essa história é fiel, lembra-se de mim. Quando eu percebo que sou olhado por Ele, tudo muda. Não mudam os problemas, não muda a confusão da casa, mas eu mudo. Eu mudo, então tudo muda. Se eu peço “lembra-Te de mim”, Ele me dá sempre alguma coisa a mais. Dentro desse olhar tem uma mudança e esse olhar acontece dentro de um caminho, no lugar onde Ele não me abandonou. Eu tenho que estar dentro desse caminho, seguir esse caminho, como eu sou, simples, como o bom ladrão. E Ele me leva ao paraíso. Imaginem que 28 mães se encontrem, e isso nasceu a partir de uma, duas mães, com esse desejo de ser a gaivota que quer voar e parecia que os filhos para cuidar, o marido que nunca está em casa, cortava as asas. “O primeiro fator de uma incidência política é a existência da comunidade cristã”. Aquilo que aconteceu com essas mães dentro desse caminho, por alguém que começou a seguir, tem uma incidência política maior do que mil discussões que não levam a lugar nenhum. Mães que têm que ficar em casa, que fazem uma experiência assim, mudam o mundo. É o mundo mudado. Imaginem quando ela vai encontrar as outras mães na escola, quando vai comprar o leite, quando vai ao supermercado, isso tem uma incidência política. Nós não temos consciência daquilo que somos, pois pensamos que a nossa existência de pessoas mudadas não tem incidência nenhuma, e temos sempre que fazer alguma coisa a mais. No entanto, o primeiro fator de uma incidência política somos nós, a nossa existência. A possibilidade de um diálogo e de encontros inimagináveis nasce do fato que existam pessoas mudadas assim, mais que todos os esforços que podemos imaginar.

Colocação: *Com relação às eleições, eu percebi duas posturas nas pessoas: ou uma alienação baseada numa desilusão política; ou um ativismo quase fanático, com os dois lados acusando os outros praticamente das mesmas coisas. Durante todo o ano eu acompanhei essa questão política e participei de muitas discussões, mas considerando que eu ia estar de férias no primeiro turno das eleições, fui adotando uma postura mais cômoda e alienada. Ou eu não ia votar, e não precisava me preocupar, e como já tinha definido meu candidato, então não precisava me envolver com isso. No segundo turno, com as oscilações nas pesquisas, com os embates sobre a questão econômica, eu comecei a me provocar mais, só que foi de uma maneira negativa. A sociedade ficou muito dividida e eu me perguntava o que eu faria. Vi muita gente próxima claramente apostando a vida na vitória de um candidato, e eu me perguntava: onde está meu coração? Falamos sobre isso numa reunião com meu grupo de Fraternidade e eles me ajudaram a entender que defender um fundamentalismo partidário é defender uma verdade abstrata, achando que quem está do outro lado não tem nenhum valor. E essa postura é a mesma de quem fica apegado a uma discussão entre tradicionalistas e progressistas na Igreja. A discussão com esses amigos me encheu de confiança. Independente do resultado das eleições, eu pude perceber que eu tinha sido escolhido, que eu já fazia um*

caminho. E esse caminho já é salvo, e isso era exatamente o oposto do vazio que aquela postura fundamentalista gerava. Discutindo com alguns colegas de trabalho, tentei mostrar que existem motivos que levam o outro a votar em um diferente partido, e é possível dentro de um caminho que permite ouvir o outro, que promove o diálogo. Pude perceber claramente a incredulidade das pessoas, que não entendiam o que eu estava falando, e a confusão no rosto desses amigos. Mas tudo isso me encheu de uma estranha alegria, uma verdadeira letícia, que me acompanhou nestes dias seguintes, e me fez ficar muito mais contente. Agradeço ao Senhor por ter essa companhia, e por ter estes amigos vivos que me provocam e me acompanham como rochas que me ajudam a caminhar.

Bracco: Acho que a sua experiência nos mostra bem a alternativa que temos neste período. Ou a confusão que gera o medo, o desejo de pegar tudo e ir para outro país, ou uma raiva. Mas não tem outra posição? Ao que somos chamados? Eu fui reler de novo o que falava Carrón sobre Jesus com a Samaritana. “Essa mulher achava que poderia distrair Jesus, envolvê-lo em um debate ideológico, mas Jesus não se contenta com isso. Ele vê que, por trás daquele debate ideológico, ela está se escondendo porque não quer olhar para a sede que tem”. Muitas vezes usamos o debate ideológico para não falar das coisas que realmente nos preocupam, sobre aquilo que realmente nos interessa. Até que chega alguém como Jesus que a desafia: “Se soubesses quem eu sou, serias tu a me pedir água”. E ali a conversa começa a ficar interessante: “Quem tu pensas ser? Achas que és maior do que o nosso pai Jacó, que fez este poço?”. Ainda quer distraí-lo. “E Jesus continua: ‘Se soubesses quem eu sou, serias tu a me pedir água viva, porque eu sou a fonte que jorra para a vida eterna’. Então, essa mulher, que sabe qual é o desejo do coração, que tem uma sede de felicidade que nem mesmo sete maridos puderam eliminar, se rende: ‘Dá-me desta água, para que eu não precise voltar aqui’. Tudo pode ser ocasião de um diálogo como esse. No Evangelho, as coisas principais da vida acontecem em qualquer lugar. Acontece ali, no diálogo com uma mulher ao lado de um poço; com Zaqueu, que está em cima de uma árvore; ou numa festa de casamento, num almoço com os publicanos... na vida. As coisas mais importantes da vida acontecem dentro da vida. Se a pessoa não fica bloqueada nas ideologias começa um diálogo que permite um encontro e, então, a vida se torna uma aventura fascinante [no meio do medo, da confusão, das análises, é uma aventura fascinante]. porque cada coisa é uma ocasião de diálogo, de encontro, onde posso aprender e posso dar ao outro o conteúdo do meu parecer. Mas é um caminho que podemos estar dispostos a fazer, ou nos fechamos desde o início por causa de uma posição ideológica. E, então, não encontraremos ninguém”. Cada um de nós tem que verificar se isso aqui é um discurso ou acontece assim mesmo. Cada um de nós tem o radar para identificar se aquilo que está seguindo é uma definição ou é uma experiência. Porque as definições levam a ideologias, e também o nosso discurso do Movimento pode se tornar uma ideologia que não leva a lugar nenhum e não se encontra ninguém.

Colocação: *Eu nasci numa família do Movimento e participo há muito anos. Fiz medicina, me especializei em neurologia e por inúmeras circunstâncias eu escolhi estudar cuidados paliativos. É uma área que trata de pessoas que estão com doenças na fase terminal e não existe um tratamento curativo, e a gente basicamente alivia o sofrimento das pessoas e acompanha para a morte. Então eu vivo muito essa frase do texto “Eu não sou quando não estás aqui”. Eu vivo agudamente essa dependência de que eu estou sendo*

feita agora, e por isso me identifiquei com essa música de Gaber, porque às vezes eu estou no carro, indo para o trabalho, e num momento me vem a consciência da dependência, então é como se eu tivesse uma calma, uma esperança. Estou diante de uma Presença e vivo aquele momento. Isso tem acontecido cada vez mais frequentemente. E as pessoas às vezes me dizem: “Eu tenho visto que você sorri para o paciente”. Isso aconteceu diante de uma pessoa que fica praticamente presa no próprio corpo. Ela tem plena consciência, mas não consegue se mexer. E eu sorrio para ela, porque eu vejo essa esperança no desígnio dela. E isso tem acontecido, tenho muita certeza, pelo meu caminho na Escola de Comunidade (EdC), porque com o tempo, estudando isso, confrontado as coisas, sofrendo juntos, questionando tudo, é o que me permite, que me acompanha para que eu consiga ter esse olhar, porque as pessoas têm esse olhar para mim na EdC. Essa descoberta deveria ser muito radical, isso deveria mover todos os instantes da minha vida, e eu vejo que não é tão radical assim, e é essa a minha questão. Eu vejo que tem coisas nas quais eu não consigo sair da minha zona de conforto. Por exemplo, a Coleta mesmo. Eu sempre ia porque tinha que ir: vou lá e fico 2 horas, fico 4 horas, e vou embora. Neste ano eu me perguntei: por que eu vou na Coleta? E no dia eu levantei mais cedo e como eu não tinha ajudado em nada eu decidi rezar. Rezei as Laudes, que é algo que eu não tenho costume de fazer, depois eu li o texto da EdC, e eu fui rezando pelo caminho. Fui pedindo pela Coleta e para que eu me surpreendesse, porque no fundo eu vi que eu estava considerando as coisas óbvias. Aí eu cheguei e eu vi essas moças estudantes de engenharia, que estavam lá com a maior disposição, e comecei a ficar próxima, e o tempo passou rápido. E eu fiquei muito feliz, porque posso ter errado, posso não ter ajudado do modo como poderia, mas tudo pode ser resgatado.

Bracco: Você precisa guardar bem e olhar este momento. Você cresceu numa família do Movimento, mas teve um certo momento no qual você se sente olhada, sozinha, por Cristo, por aqueles olhos. Como aconteceu que você decidiu rezar as Laudes pela Coleta? Guarda essa experiência, porque essa experiência é conhecer Jesus. Quando nos acontece algo assim, essa experiência é um momento de correspondência no qual você se surpreende que não é mais você mesma. Fazer experiência significa se dar conta de que você cresceu. Fez experiência de quem é mais esse Homem. É a experiência como se faz com um amigo. É ter a consciência de vibrar e se comover porque Ele te olhou. Mas como você falou, não é que mudou tudo na minha vida, pois vejo ainda tem aspectos que precisam mudar. E em Manaus na assembleia com o Carrón uma pessoa perguntou: “Eu estou muito bem, mas eu tenho 1% que eu vejo que resisto e isso me dá tristeza”. E ele começou a responder dando o exemplo de São Paulo, que teve uma das conversões mais estrondosas que conhecemos: caiu do cavalo, fica cego por três semanas. E este homem, depois desta conversão, que não tinha dúvida, falou: “Quem me libertará desta situação de morte?”. Ele que tinha vivido aquele momento, percebeu na vida que tinha essa condição dentro e gritou: “Quem me libertará desta situação de morte?”. Então, como o Carrón falava, nós não temos que olhar o que ainda falta para mudar, porque o Senhor me olha pelo desejo que eu tenho. O Senhor me olha na esperança, não naquilo que eu sou agora com os meus limites. Ele te olha com todo o desejo que você tem de ser todo assim e ainda não consegue. E se você fala pra Ele: “Senhor, vence aqui neste pedaço”, Ele te olha por isso, não por aquele pedaço que ainda não está mudado. Tanto que depois fala: “Quem tem essa esperança se purifica como Ele é puro”. Nós temos que

ficar preocupados em ver em quem coloco a esperança, quem queremos seguir, e ficar agarrados nisso. Quanto mais ficarmos agarrados, mais Ele vai cuidar do que precisa ser mudado.

Colocação: *Queria contar a experiência pré-Coleta e pós-Coleta. Eu convidei os amigos do meu antigo trabalho para fazer o quarto ano de Coleta comigo. Eu saí do emprego, então era uma provocação pra mim entender porque eles faziam aquilo, já que eu não era mais “funcionária”, e era também uma provocação pra eles. Vieram três amigas. Depois comecei a propor no local onde trabalho hoje e uma pessoa disse: “Eu vou até lá”. É sempre uma ocasião de encontro, você descobre que tem vários católicos, querem encontrar alguma coisa, querem fazer alguma coisa. Depois convidei uma mãe da catequese. No fim fizemos a Coleta basicamente com amigos do mundo do trabalho, e foi uma coisa muito bonita. Primeiro, quando eu estava conversando com este senhor que disse que ia passar lá, outro colega passou perto, ouviu a conversa e parou, e eu expliquei o que é a Coleta e ele foi se apaixonando e queria saber. Depois, num evento da empresa, as pessoas me perguntavam o que é a Coleta. No dia esse colega apareceu com a esposa e mais cinco crianças. E foi muito bonito ver estas pessoas lá, foi muito verdadeiro. Essas amigas que fazem a Coleta há quatro anos percebem o gesto pra elas, queriam abordar melhor. Então não tem nada definido, é um caminho delas. Estava tudo bem até que chegou a terça-feira e eu tive que demitir um rapaz. Antes de encontrá-lo eu fiquei um pouco em silêncio pedindo a Deus para que aquele fosse um momento de dignidade, para que eu pudesse estar inteira diante daquele rapaz. Ele está vivendo uma situação muito delicada na família e eu estava sofrendo muito com aquilo tudo, mas tinha que fazer. Foi difícil pra mim, e quando conversamos ele chorou muito. No fim eu o agradei pelo período que trabalhamos juntos, e depois tive que dar a notícia pra minha equipe. E neste longo dia eu ainda precisava fazer uma visita, pois pela catequese me pediram para preparar uma criança para o Batismo. Essa criança tem uma síndrome muito rara, ela não se move, não fala, e entrou em um quadro de regressão. Fui lá e encontrei a mãe, o pai, a avó, a tia. Foi um momento muito bonito, pois o Senhor me permitiu ver que no ato da Coleta, no fato de ter que demitir aquele menino, o testemunho no trabalho e o estar diante daquela mãe era tudo uma coisa só. Eu não podia acabar aquela terça-feira com um gosto amargo na boca. Deus não queria isso pra mim. Poder estar diante daqueles pais tão jovens e dizer “existe um caminho”, Cristo agarra vocês pelo cabelo e diz “vocês são meus”, dá a vocês a oportunidade de fazer parte da unidade entre céu e terra, é um milagre. Eu posso dizer pra vocês que eu acredito porque eu vejo, eu toco. No fim eu saí muito agradecida por ter estado naquela casa naquele dia. E eu tentava dizer pra eles que Cristo não era pra mim um discurso. É só mesmo olhando pra Cristo, pras feridas d’Ele, é que é possível não ter medo de entrar em diálogo em nenhuma situação, seja de vida, de morte, de emprego ou desemprego, porque sou uma coisa só com Aquele que me faz.*

Bracco: Que oportunidade é retomar este texto da Jornada, com tudo aquilo que estamos vivendo. Primeiro, verificar a que ponto estamos: estamos ainda com o desejo ou não? Segundo, em qualquer ponto você esteja, o Senhor não me abandonou, Ele me deu um lugar, uma casa. A coisa bonita do caminho não é aquilo que eu faço, mas que tem sempre este olhar em cima de mim que se manifesta através de gestos, palavras, rostos. Então, como a gente está vivendo esse caminho? E, depois, ser simples. Precisamos ser simples e pedir a

simplicidade de quando tudo começa. A quem faz o caminho é dada também a possibilidade de ter o olhar de uma criança, como o Marcelino, mas precisamos pedir isso também, porque podemos começar a considerar óbvias as coisas.

Termino lendo uma coisa que o Papa falou: “Cuidar da nossa pequenez. Deus quando escolhe as pessoas, também o seu povo, sempre escolhe os pequenos. Deus escolheu o seu povo porque era o menor. Tinha menos poder do que os outros. Mas é este o diálogo entre Deus e a pequenez humana, como Nossa Senhora: ‘O Senhor olhou a minha humildade’. O Senhor escolhe os pequenos”. E conta de quando o Senhor escolheu Davi. “Samuel está diante do maior dos filhos de Jessé e pensa que seja ‘o seu consagrado, porque era um homem alto, grande’. Mas o Senhor que não olha pela aparência, escolhe ‘os fracos e os dóceis, para confundir os potentes da terra’. Então escolhe Davi”. E Davi nem estava em casa. Quando aconteceu essa escolha ele estava com as ovelhas. “Ele escolhe Davi o menor, aquele que não tinha importância para o pai. E foi justamente Davi o eleito. Todos nós com o Batismo fomos eleitos pelo Senhor. Todos somos eleitos. Ele nos escolheu um a um. Nos deu um nome e nos olha. Há um diálogo, porque é assim que o Senhor ama. Depois, Davi se tornou rei e errou. Talvez tenha cometido vários erros, mas a Bíblia nos fala em especial de dois grandes erros. E o que ele fez? Humilhou-se. Voltou à sua pequenez e disse: ‘Sou pecador’. Depois do segundo pecado, Davi disse ao Senhor: “Pune-me, não o povo. O povo não tem culpa, eu sou culpado. E preservou a sua pequenez com o arrependimento, com a oração, com o choro. Pensando nessas coisas, neste diálogo entre o Senhor e a nossa pequenez, pergunto-me onde está a fidelidade cristã: a nossa fidelidade, é simplesmente preservar a nossa pequenez, para que possa dialogar com o Senhor”. Quando eu volto a ser pequeno eu me dou conta do que eu tenho, me dou conta do que é o Movimento, me dou conta do que é a minha Fraternidade, me dou conta do que é a Escola de Comunidade, eu me dou conta de novo, e volto no caminho para reconquistar aquilo que era óbvio e não ficar nas definições. Mesmo dentro dessa bagunça que está acontecendo no mundo, temos uma bela oportunidade e é uma bela aventura.

(Notas não revistas pelos autores)